
SER Social

COMUNICAÇÕES E
POLÍTICAS SOCIAIS

Brasília (DF), v. 27, nº 56, de janeiro a julho de 2025

Cultura e Representação

Culture and Representation
Cultura y Representación

Leonardo Martins Prudente¹
<https://orcid.org/0009-0008-1921-9463>

Recebido em: 12/09/2024
Aprovado em: 08/10/2024

Stuart Hall (1932-2014) foi um dos mais renomados teóricos culturais e cofundador dos estudos culturais. Ele se dedicou a estudar como as imagens, com suas disputas e seus questionamentos, ajudam a compreender a realidade, os valores, as identidades e as relações de poder. São inquietações que estão ligadas à sua trajetória de vida. De origem inter-racial e nascido na Jamaica colonial, Hall emigrou para o Reino Unido em 1951, onde seguiu carreira acadêmica. Seu incômodo com a representação do negro no capitalismo colonizador e no império britânico o levou a debater como as representações culturais influenciam a política.

¹ Especialista em Políticas Públicas e Gestão Governamental do Governo Federal. Especialista em Desenvolvimento Humano pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG). Doutorando em Política Social pela Universidade de Brasília (UnB). Mestre em Administração pela UnB. Bacharel em Relações Internacionais pela UnB. Currículo Lattes: <<http://lattes.cnpq.br/8814792712328282>>. E-mail: <leoprudente@gmail.com>.

Sua obra intitulada “*Cultura e Representação*”,² já considerada um clássico, conta com uma apresentação do professor Arthur Ituassu, uma introdução e dois capítulos. A introdução expõe a relação entre a representação e a cultura. O primeiro capítulo (“O papel da representação”) aprofunda a teoria de Hall, dialogando com outros pensadores. Já o segundo capítulo (“O espetáculo do outro”) investiga a representação do negro na mídia. Ambos trazem exemplos, leituras complementares e atividades para facilitar a compreensão dos processos de produção e circulação de sentidos.

Os conceitos centrais abordados por Hall incluem a linguagem (que, unindo idioma, gestos e símbolos, dá sentido às coisas e cria significados culturais, funcionando como um sistema representacional) e a cultura (entendida como um conjunto de valores em comum e significados compartilhados entre os membros de um grupo ou sociedade). Hall também explora o conceito de sentido, que fundamenta nossas noções de identidade, pertença e diferença, construído por meio da linguagem e das práticas cotidianas. Trata-se de um conceito produzido tanto pela mídia quanto por expressões culturais, práticas e rituais cotidianos, o que nos ajuda a estabelecer normas e convenções que ordenam a vida social.

No capítulo primeiro, Hall examina a representação no circuito cultural, a qual consiste na produção de sentido por meio da linguagem para expressar algo sobre o mundo ou representá-lo para outras pessoas. O sentido não está apenas no objeto representado (abordagem reflexiva), nem é imposto pelo emissor (abordagem intencional), mas é construído pelo sistema de representação e fixado por códigos. Apoiando-se no linguista Ferdinand de Saussure (1857-1913) e no filósofo Michel Foucault (1926-1984), Hall discute a flexibilidade dos significados e a relação entre poder, discurso e produção de conhecimento.

Para Saussure, o signo é a união de dois elementos: o significante (que corresponde à forma) e o significado (que consiste em uma ideia ou um conceito). Cada vez que se ouve ou se lê o significante, evoca-se o significado. Logo, os dois são necessários para produzir sentido. A oposição e a diferença em relação a outros significados ajudam a definir o significado. Para Hall, o grande feito de Saussure foi estabelecer que não há vínculo natural ou fixo entre significante e significado, uma vez que a relação entre eles é aberta à mudança histórica e à produção de

novos sentidos a partir de um processo ativo de interpretação, no qual o receptor é tão importante quanto o emissor: a representação é uma prática.

Foucault desvia sua atenção da linguagem para o discurso, concebido como um sistema de representação. Significados e práticas significantes são construídos dentro do discurso, ou seja, nada tem sentido fora do discurso, de modo que assim também acontece com o poder, que não se irradia de uma fonte única, como tendemos a pensar, mas circula entre opressores e oprimidos, apesar da dominância do Estado, da lei ou de uma classe privilegiada. Foucault se interessava especialmente pelas rupturas e descontinuidades radicais entre períodos ou formações discursivas distintas.

No segundo capítulo, Hall explora a estereotipagem racial como prática de representação na mídia e na cultura popular. O objetivo é mostrar como funciona a representação na prática. Fazendo uso de exemplos do uso da imagem do negro na mídia, o autor demonstra como os significados flutuam. Para o pensador, a maneira pela qual a “diferença” do negro é apresentada pode ser descrita como um regime de representação.

Com base no pensamento da antropóloga britânica Mary Douglas (1921-2007), Hall registra que o que perturba a ordem cultural é o aparecimento de coisas na categoria errada ou que não cabem nas classes existentes. Culturas estáveis exigem que as coisas não saiam do lugar, pois os limites simbólicos são centrais para a cultura. Logo, a marcação da diferença leva ao cerramento de fileiras, ao estigma e à expulsão do que é percebido como impuro ou anormal. Paradoxalmente, a diferença também é poderosa: é atraente por ser proibida, um tabu, uma ameaça.

Historicamente, argumenta Hall, o negro foi visto como bárbaro, selvagem, primitivo, sujo, incapaz, preguiçoso e inferior. Trata-se de um pensamento que é registrado nas incursões europeias no continente africano, na colonização e na escravidão. Ora, se tais diferenças são culturais, então, elas podem ser modificadas e alteradas. No entanto, se elas são naturais – como defendiam os proprietários de escravos –, são, portanto, fixas e permanentes. A naturalização dessa diferença é, portanto, uma estratégia de representação que fixa a diferença para sempre: uma tentativa de deter a fluidez do significado. Daí surgem os estereótipos de representação do negro por cartunistas e caricaturistas da época.

Os vestígios dessa representação persistiram ao longo do século XX. O movimento abolicionista americano até tentou mudá-la, mas acabou por reforçar, na verdade, a representação da bondade do branco. O advento do cinema também manteve a mesma representação estereotipada. A partir dos anos de 1960, começaram a surgir papéis do negro que se encaixava nos padrões desejáveis por aqueles que lhe atribuíam representação: domado, assexuado, que se vestia bem, falava corretamente e se portava à mesa. A mudança só veio na década de 1980, com o colapso do sonho integracionista do movimento dos direitos civis e o crescimento de uma subclasse negra, marcada pela pobreza e pela criminalização. O momento veio acompanhado de um crescimento da autoconfiança afirmativa e por uma insistência pelo respeito à identidade cultural negra, simbolizados pelo impacto da música negra, pelo reconhecimento do tema “raça” pelo cinema e pelo surgimento de papéis mais variados para atores negros.

Enquanto prática de produção de significados, a estereotipagem reduz, naturaliza e fixa a diferença; em seguida, divide o que é normal e aceitável do anormal e inaceitável; logo, fixa limites e determina a exclusão daquilo que não lhe pertence. A estereotipagem é a manutenção da ordem simbólica, um exercício de violência simbólica. Hall ressalta que ela tende a existir onde há enormes desigualdades de poder, já que se volta contra grupos subordinados ou excluídos. Como aponta Foucault, o poder circula: é, ao mesmo tempo, fruto e fonte do discurso. Poderosos e sem poder estão presos na circulação do poder. O problema, segundo Hall, é que o estereótipo se refere tanto ao que é imaginado quanto ao que é percebido como real. O significado mais profundo não está na representação midiática, mas naquilo que não é dito, é implícito. Trata-se de uma dinâmica que aprisiona o negro, que é obrigado a ir e vir entre os extremos do que é aceitável e inaceitável.

Portanto, pergunta-se: o sistema dominante de representação pode ser desafiado, contestado e modificado? Historicamente, Hall enumera três estratégias de transcodificação adotadas a partir de 1960. A primeira foi a inversão de estereótipos, que colocou o negro no centro de produções cinematográficas, que o retrataram de maneira diversa – assim como os brancos –, as quais logravam obter sucesso comercial. Mas críticos as viam como exploração negra. A segunda estratégia consistiu na substituição das imagens negativas por várias imagens positivas de pessoas negras, de suas vidas e de suas culturas, sem,

contudo, deslocar a existência do sistema binário de representação. Já a terceira estratégia está mais preocupada com as formas de representação racial do que com a introdução de um novo conteúdo. De modo a considerar as ambivalências da representação e a impossibilidade de se fixar o significado, essa contraestratégia reconhece positivamente o corpo negro como local de estratégias representacionais, fazendo que os estereótipos operem contra eles próprios. O resultado consiste de maior participação e visibilidade do negro no esporte, no entretenimento, na música e na moda, enfim, na cultura popular. No entanto, Hall destaca que os negros ainda não conseguem fazer parte dos ingleses ricos e nem estão bem representados no mundo corporativo.

Por fim, Hall questiona: o que foi dito sobre raça pode ser aplicado a outras dimensões da diferença?

Fiel ao espírito da Revista SER Social, ele aponta que pesquisadores e profissionais da Política Social devem compreender a relação entre representação e poder, bem como sua capacidade de gerar ou manter estereótipos e desigualdades. Como sustenta Hall, a cultura é um espaço de luta em que os significados são contestados; portanto, as políticas sociais não devem ser concebidas a partir de representações binárias, reducionistas ou negativas sobre grupos, fenômenos ou dinâmicas sociais ou em reforço às referidas representações. Ao contrário, devem criticá-las com vistas à inclusão e à equidade em meio à flutuação do significado. Igualmente, é crucial que grupos submetidos à violência simbólica e social participem da criação e da implementação de políticas sociais para construir novas formas de representação e de significados.